

A LUTA ENTRE CREDOS NO MEDIEVO PORTUGUÊS

THE STRUGGLE BETWEEN FAITHS IN MEDIEVAL PORTUGUESE

Camila Rabelo Pereira*

rpereiracamilla@gmail.com

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar as características da liturgia mariana em Portugal. Para isso, utilizaremos a documentação *Milagres Medievais, numa colectânea mariana alcobacense*, na qual identificamos determinados milagres que abordam as especificidades do culto mariano no espaço luso entre os séculos XIV e XV. No processo de Reconquista da Península Ibérica, os portugueses utilizaram diversas estratégias para legitimar a sua cultura e preservar a sua espacialidade. Assim, a Virgem Maria foi utilizada como instrumento pedagógico na luta entre credos, tornando-se uma Santa Guerreira, principalmente por meio de narrativas hagiográficas e iconografias. Os discursos hagiográficos nos possibilitam refletir acerca da luta entre cristãos, judeus e muçulmanos no campo simbólico em Portugal, neste ensejo o foco deste trabalho foram os milagres presentes na documentação que abordam essa temática.

PALAVRAS-CHAVE: Hagiografia; Portugal; Virgem Maria.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the characteristics of the Marian liturgy in Portugal. To this end, we will use the documentation *Milagres Medievais, a Marian collection from Alcobça, in which we identify certain miracles that address the specificities of the Marian cult in the Portuguese space between the 14th and 15th centuries. From the process of Reconquista of the Iberian Peninsula, the Portuguese used several strategies to legitimize their culture and preserve their spatiality. Thus, the Virgin Mary was used as a pedagogical instrument in the struggle between faiths, becoming a Warrior Saint, mainly through hagiographic narratives and iconography. This allows us to reflect on the struggle between Christians and Muslims in the symbolic field in Portugal. In this opportunity, the focus of this work was the miraculous discourses that in the documentation have this theme.*

KEYWORDS: Hagiography; Portugal; Virgin Mary.

Introdução

A hagiografia *Milagres Medievais, numa colectânea mariana alcobacense*¹. Texto composto de milagres latinos atribuídos à intercessão da Santíssima Virgem, encontrados na biblioteca do *Mosteiro de Santa Maria de Alcobça* em Portugal, foi traduzido por Aires Augusto Nascimento e publicado em 2004.

A coletânea é uma edição crítica de Aires A. Nascimento, pertencente a coleção de Obras Clássicas da Literatura Portuguesa, publicada pelas Edições Colibri em 2004 na cidade de Lisboa, com 157 páginas, e patrocinada pelo Instituto Português do Livro e das Bibliotecas. Destaca-se algumas outras obras publicadas

*Doutora e mestra em História pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Graduada em História pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Membro dos grupos de pesquisa Brathair e Mnemosyne. Atua nas áreas de história medieval portuguesa, religiosidade cristã e relações de gênero.

¹ Para viabilizar a leitura e a escrita do texto em alguns trechos utilizaremos a sigla MMA (Milagres Marianos Alcobacenses), ao nos referirmos a documentação.

pelas Edições Colibri nessa coleção: *Navegação de S. Brandão nas Fontes Portuguesas Medievais; Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra; O Cathecismo Pequeno de D. Diogo Ortiz; Castelo Perigoso*.

A documentação *Milagres Medievais, numa colectânea mariana alcobacense* é composta de 22 (vinte e dois) milagres, e é dividida em 2 (dois) grupos, o primeiro grupo contém 15 (quinze) milagres e 2 (dois) submilagres², e o segundo grupo contém 7 (sete) milagres, neste trabalho foram analisados os milagres 2, 4 e 9 que pertencem ao primeiro grupo. Estes foram escolhidos por terem a presença de personagens judeus e muçulmanos.

A coletânea de milagres foi encontrada no *Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça* em Portugal, porém, “é sempre um problema identificar a autoria destes tratados alcobacenses, pois na maioria das vezes não são assinados e, quando são, a assinatura nem sempre corresponde ao autor, mas sim ao monge copista” (Lima; Macedo, 2014, p. 149). A transcrição e a autoria desses milagres não são definidas, nenhuma assinatura foi encontrada, provavelmente é uma narrativa escrita/transcrita por um clérigo. Atribuídos à intercessão mariana, as narrativas contêm discursos diversificados, com o objetivo de promover os ideais da Igreja.

Ressalta-se que os textos literários são elementos constitutivos específicos de um tempo e um espaço de uma determinada sociedade. Já que a Literatura é expressão cultural que por meio de linguagens, sinais e símbolos possibilita ao historiador analisar tensões sociais entre grupos distintos, e até entre aqueles que pertencem ao mesmo grupo. Como representação social, ela produz símbolos e discursos próprios do seu tempo e espaço, neste ensejo Borges (2010) define que:

A expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época, pois um produto sociocultural, um fato estético e histórico, que representa as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos [...] e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico. A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural, e, também, constituinte deste (Borges, 2010, p. 98).

A utilização de textos literários colabora com o fazer histórico. A análise de múltiplas fontes nos permite ter variados prismas acerca do mesmo objeto de pesquisa. A Literatura é uma representação escrita permeada pelo autor, assim, a origem, a vivência social, o local de labor, a formação intelectual são fatores que influenciam na escrita. Os escritos literários são expressões do autor, da sua época e de seus leitores, o que possibilita o historiador elencar diversas questões sobre a espacialidade e a temporalidade.

Assim, o estudo da *MMA* foi realizado a partir da Análise do Discurso. Essa área do conhecimento possibilitou ao historiador, a partir de 1950, desenvolver procedimentos, metodologias, e incorporar

² Assim denominados por conta da estrutura da hagiografia, os submilagres *11. A imagem existente em Constantinopla e *12. Milagres dos ardentes, estão localizados respectivamente logo após os milagres 11. Como livra dos perigos da morte os que a louvam e 12. Com salva os que rezam as suas Horas e guardam a castidade. A classificação como submilagres se justifica pelo fato que estes conservam a numeração dos seus antecessores, porém são narrativas com títulos e temáticas diferentes, para diferenciar do anterior foi acrescentando o seguinte símbolo*.

conceitos que contribuíram para uma melhor compreensão e investigação das particularidades de cada sociedade e temporalidade em diversos campos.

A Análise do Discurso da *MMA* foi realizada segundo as ideias de Bakhtin (2009), pois a finalidade é estudar a historicidade da hagiografia, levando em consideração que o texto é constituído de linguagens (verbal e visual), que constroem sistemas que dão sentido a determinada temporalidade e espacialidade, em que são estabelecidas relações entre diferentes discursos.

Segundo Certeau (2007) a hagiografia é um documento literário sociológico que é indissociável da vida do grupo, pois associa imagens ao lugar ao qual pertence forjando representações que educam por meio da edificação. A literatura hagiográfica corta o rigor do tempo por meio do imaginário que ganha significante e significado na espacialidade à qual pertence.

Assim, o texto literário *MMA* é uma expressão das conjunturas sociais em Portugal, nele identificamos discursos que demonstram as especificidades do culto mariano ocasionado pelo processo de Reconquista da Península Ibérica. A presença dos muçulmanos e dos judeus em território ibérico ressignificou a representação mariana, que foi caracterizada como uma Santa Guerreira.

Durante o período medieval, Portugal compartilhava com o restante da Europa Ocidental elementos culturais, sociais, econômicos e políticos comuns entre essas diferentes sociedades, o que as diferenciava é a adaptação desses componentes, que estavam de acordo com as particularidades de cada território.

Em cada território circulavam obras literárias comuns às diferentes sociedades que compunham a Europa Cristã. Esses textos didáticos e doutrinários eram adaptados as peculiaridades de cada grupo social, como por exemplo a hagiografia *Milagres Medievais*, numa *colectânea mariana alcobacense*.

A Hagiografia Medieval: um texto doutrinal

A literatura religiosa portuguesa, assim como na Europa Cristã, possuía como característica a utilização de elementos simbólicos que tinham como objetivo principal educar os medievos para serem bons cristãos. Porém, há peculiaridades como no culto à Virgem Maria, que é uma Santa Guerreira em Portugal. As particularidades da Península Ibérica, é uma consequência da luta entre credos, que fez parte da formação cultural portuguesa.

Para Certeau (2007) a hagiografia é um gênero literário que contém discursos que ilustram significações adquiridas pela sociedade à qual pertence, pois os “acontecimentos” seriam significantes para edificar uma verdade construída a serviço de um grupo.

Os textos hagiográficos possuíam uma ampla difusão no reino português entre os séculos XIV e XV, por conta de seus elementos populares, e também pela sua estrutura narrativa, já que são textos pequenos com um vocabulário mais acessível, pois as “narrativas hagiográficas, constituindo-se um veículo privilegiado de conhecimento sobre os santos” (Sobral, 2007, p. 5), que tinha como função educar os medievos.

As hagiografias³ são pequenos textos literários que abordam algum aspecto, ou até mesmo a vida dos(as) santos(as). Dentre os mais recorrentes destaca-se os Martirológicos, os Legendários, as Revelações, as Vidas, as Viagens Espirituais, os Tratados de Milagres/Coletâneas de Milagres, as Atas de Mártires, os Relatos de Transladações e Elevações e os Processos de Canonizações. Essas narrativas eram populares no medievo, fazendo parte do cotidiano, e eram por excelência um discurso de virtudes. Apesar de já existirem na Antiguidade, é na Idade Média que se desenvolveram os textos hagiográficos, que são os principais documentos para o estudo da santidade no período (Silva, 2008, p. 8).

A narrativa milagrosa é um texto simples, com estrutura reduzida, e enunciado doutrinal de fácil entendimento e popular entre os medievos. O milagre geralmente tem um protagonista numa situação adversa, e impossível de ser resolvida pela ação humana. Por isso, recorre ao intercessor para conseguir o milagre concebido por Deus. O ser beneficiado pelo sobrenatural (o protagonista) em agradecimento, testemunha o ocorrido.

As hagiografias são textos didáticos moralizantes, que tinham como objetivo modelar os homens e as mulheres no medievo português, através de ideais de santidade exemplificada por ações consideradas perfeitas no plano terreno, o que garantiria a entrada no céu. Os(as) santos(as) colaboraram para definir e propagar parâmetros de virtudes e vícios que serviram para estabelecer padrões sociais durante a Idade Média.

Assim, em Portugal é estabelecida uma relação dialógica (Bakhtin, 2009) entre a *MMA*, e o contexto em que ela estava inserida, pois as narrativas demonstram que foram constituídas e constituíram o mundo social e cultural à qual pertenciam. Bakhtin (2009) aponta que para que ocorram as relações dialógicas, é preciso que o material linguístico ou semiótico adentre a esfera do discurso, ou seja, se transforme em enunciado, e neste está fixa a posição de um sujeito ou grupo social, as contradições e as divergências discursivas do contexto em que o texto foi escrito.

A valorização das hagiografias no culto cristão está ligada diretamente à exaltação dos(as) santos(as), que foram instrumentalizados pela Igreja por meio de signos, que ajudaram no processo de evangelização, e propagação dos dogmas cristãos durante a Idade Média.

Segundo Le Goff (2007), os santos são os novos heróis do medievo, que substituem os heróis da Antiguidade pagã, mas que preservam a função de intercessores diante das atribulações. Dentre esses novos heróis do medievo português a Virgem Maria se destaca como modelo ao mesmo tempo de mulher/mãe/esposa e de mulher/virgem/religiosa, conforme identificamos na *MMA* que é uma literatura pedagógica e clerical. Porém, neste trabalho o foco são os milagres que possuem discursos acerca da luta entre credos em Portugal em que a Virgem Maria é representada como uma Santa Guerreira.

³ A hagiografia é um gênero literário, que, no século XII, chamava-se também de hagiologia ou hagiológica. Como o Pe. Delehaye esclareceu em 1905, numa obra que marcou época, *Les légendes hagiographiques*, ela privilegia os atores do sagrado (os santos) e visa a edificação ('uma exemplaridade'): 'Será necessário, pois, reservar este nome a todo monumento escrito inspirado pelo culto dos santo, e destinado a promovê-lo'. A retórica deste 'monumento' está saturada de sentido, mas do mesmo sentido. É um túmulo tautológico (Certeau, 2007, p. 266).

A Representação da Virgem Maria na Luta Entre Credos em Portugal a Partir da Hagiografia MMA

A hagiografia *Milagres Medievais, numa colectânea mariana alcobacense*, é uma coletânea de milagres marianos ocorridos em tempos e espaços diferentes, o que nos impossibilita determinar a autoria. As narrativas milagrosas possuem temáticas diferenciadas, mas nos permitiu compreender a conjuntura e as singularidades da sociedade portuguesa nos séculos XIV e XV.

Destaca-se que as narrativas na MMA não atribuem os milagres ao poder de Maria, mas à sua intercessão, pois o autor do milagre é Jesus Cristo/Deus, sendo assim as narrativas seguem a doutrina cristã, em que o(a) santo(a) é um intercessor(a).

De acordo com o exposto a Coletânea de Milagres possui discursos diversificados, que tentavam legitimar diversos elementos da ortodoxia cristã através da representação mariana e dos personagens. De forma estratégica a Igreja Católica utilizou as hagiografias como instrumento de propagação da moral, dos ideais cristãos e dos papéis sociais próprios tanto dos homens como das mulheres, pois o caráter pedagógico fica evidente durante a leitura das narrativas. Assim, no contexto português:

Nos tempos medievais, de fé viva e intensa, multiplicavam-se os mosteiros por Portugal inteiro e quase todos eles se acolhiam à protecção da Virgem das Virgens, escolhendo-a para única a principal padroeira — que *inter eos tenet principatum* — como os de Águas Santas, Alcobaca, Campanhã, Carvoeiro Faria e Fiães, Pombeiro e Refojos do Lima, Salzedas e Vouzela. Outros escolhiam-na para titular secundária, como Arouca e Guimarães, Leça e Moreira, Paço de Sousa, Pendorada e Pedroso, Santo Tirso e Tibães, Vacariça e Vairão. Ora a fundação e povoamento de Portugal coincidiram com um grande incremento da devoção mariana, motivada pelo ideal cavaleiresco da Idade Média de exaltação da mulher, cujo protótipo perfeito era a Virgem Maria (Oliveira, 1974, p. 6).

A proliferação do culto mariano em Portugal no Medievo pode ser verificada pela multiplicação dos mosteiros, e pela escolha da santa como padroeira do território, conforme afirma Oliveira (1974). A relevância da Virgem Maria em terras luso é motivada pela luta de cristãos contra a presença de outros credos.

O território português pela sua diversidade cultural oferecia aos medievos diversas formas de acessar o sagrado, ou seja, o cristianismo apenas era mais uma entre as possibilidades de acessar o divino. Assim, Maria foi um importante instrumento de evangelização por sua popularidade, oriunda principalmente da sua aproximação simultânea entre o divino e o humano, por ser considerada a mãe do filho de Deus.

As diversas representações da Virgem Maria foram configuradas em Portugal a partir da diversidade religiosa, o que a tornou um signo social e cultural, que segundo os relatos se materializava nos campos de batalha para lutar e interceder em favor dos cristãos. Pois, na perspectiva bakhtiniana (Bakhtin, 2009), cada

signo ideológico não é apenas um reflexo da realidade, mas sim um fragmento material dessa realidade, assim todo símbolo ideológico teria uma encarnação material.

Neste ensejo a luta entre credos em Portugal transformou Maria em uma Santa Guerreira, presente nas batalhas realizando milagres que favoreciam a vitória dos portugueses. Ela por ser mãe do filho de Deus é a santa mais poderosa, tendo o poder de interceder em qualquer situação. Geralmente para cada adversidade os cristãos tinham um santo específico, porém, Maria é invocada em qualquer infortúnio e também em situações em que nenhum outro(a) santo(a) possa intervir.

Desde a ocupação do território ibérico pelos muçulmanos em 711, se tem alusões sobre as aparições milagrosas de Maria. A resistência dos cristãos não era somente militar, mas também cultural através de representações simbólicas como Maria, que ganhou dimensões práticas ainda maiores pela proliferação de relatos acerca das aparições milagrosas em batalhas.

Maria foi a protetora fiel dos cristãos em sua luta contra os muçulmanos. Numa sociedade da guerra e da agressão precisava de uma santa padroeira da guerra. Embora nas tradições mais antigas as deidades femininas fossem a representação da vida e da fertilidade, na ressignificação da Virgem pelo cristianismo ela foi também uma divindade da guerra (Jardim, 2006, p. 75).

Maria utilizada como uma divindade da guerra era uma das consequências de uma sociedade que cristianizava pela força e pela palavra. O processo de formação da identidade sociocultural portuguesa (re) significou elementos simbólicos através de concepções teológicas e míticas que legitimaram as práticas de acordo com os interesses coletivos e individuais. Assim, a representação mariana principalmente no processo de Reconquista cristã foi utilizada tanto no enfrentamento militar (dando esperanças para uma possível vitória), como no cultural, reafirmando os ideais cristãos.

Na hagiografia *Milagres Medievais*, numa *colectânes mariana alcobacense*, o milagre 4 tem como temática central: “Sempre protege aqueles que amam e confiam nela de todo coração”. Porém a proteção mariana acontece em meio a uma batalha. No milagre existem dois personagens principais Juliano Apóstata, que matava todos os cristãos que encontrava e renegou o nome de Cristo, e o arcebispo S. Basílio que governava a cidade de Cesareia da Palestina em nome de Cristo, e sempre rezava em honra da Virgem Maria.

Na narrativa Juliano Apóstata⁴ percorria o mundo saqueando cidades e matando os cristãos, ao chegar às muralhas da cidade de Cesareia da Palestina este se sente ofendido não somente por não abrirem os portões para o seu exército passar e se alimentar, mas também porque S. Basílio⁵ lhe envia apenas três pães. Diante da ofensa Juliano Apóstata jura matar os cristãos e colocar fogo na cidade. O exército de Juliano Apóstata teria sessenta mil homens, enquanto S. Basílio possuía um pequeno exército protetor de

⁴ Último imperador romano pagão de 361 a 363.

⁵ Basílio de Cesareia, também chamado “São Basílio Magno” ou “Basílio, o Grande” foi o bispo de Cesareia, e um dos mais influentes teólogos. Posicionou-se, principalmente, contra as heresias que surgiram nos primeiros anos do cristianismo como religião oficial do Império Romano.

suas muralhas. Por questões numéricas seria impossível a vitória de S. Basílio, por isso, o mesmo vai até a basílica da Santíssima Virgem pedindo a sua ajuda contra o inimigo de Cristo.

Não se passou grande tempo sem que alcançasse o que pedia. Ao sair da igreja viu nas nuvens do céu uma grande multidão de santos e no meio deles a Santíssima Virgem refulgente como a estrela da manhã entre os astros, que lhe disse: ‘Basílio muito amado, não tenhas receio porque Juliano já foi julgado perante o tribunal do eterno rei e vai ser morto’. Dizendo isto, a Virgem olha por sobre os seus acompanhantes e pergunta-lhes quem deles lançara o golpe de morte sobre ele. Estava em tal agrupamento um valoroso e piedoso soldado, de nome Mercúrio, o qual em defesa da fé cristã, em vida matara muitos sarracenos e nunca na guerra acabara vencido, mas sempre ficara vencedor. O seu corpo jazia na dita basílica da Santíssima Virgem, e aí, na parede, em memória da sua bravura e excelsa santidade, haviam sido expostas as suas armas de guerra, a lança, a espada, a couraça, o capacete, e o escudo. Ora ele, a mandado da Virgem Santíssima, reveste-se dessas armas, pega destramente na sua lança e, cavalgando uma montada maravilhosa e bem ajazada, sai fora da cidade. Depois encaminha-se para o exército e atravessa pelo meio das fileiras até chegar junto de Juliano. Todos quantos os viam ficavam extasiados com a maravilha da sua apresentação e ninguém ousava perguntar-lhe quem era ou de onde vinha porque em todo o exército não havia ninguém tão excelso. De repente, com a sua lança deita por terra a pérfido Juliano (*Milagres Medievais, numa colectânea mariana alcobacense, Milagre 4*, 2004, p. 81, grifo nosso).

A aparição de Maria no centro rodeada de uma multidão de santos demonstra simbolicamente o lugar de destaque da Virgem como Rainha do Céu⁶, segundo os dogmas cristãos católicos, soberana entre os santos através da sua virgindade perpétua e por ser a Mãe de Cristo. Metaforicamente na narrativa, Ela é comparada à estrela principal (Sol) que ilumina as manhãs, enquanto os outros santos são comparados aos astros, figuras secundárias no panteão dos(as) santos(as), pois Maria é a Líder entre os santos.

Maria ao se dirigir a Basílio lhe diz que o julgamento já fora realizado pelo tribunal celestial de Deus, o que simbolicamente representa que a batalha é divina/espiritual e não terrena. Assim caberia somente a Deus à decisão de matar Juliano por ter renegado o nome de Cristo e ter matado todos os cristãos que encontrou em seu caminho. Mercúrio a mando de Maria mata Juliano. As testemunhas segundo a narrativa apenas viram uma seta divina, por isso, seria impossível evitar a morte de Juliano. Depois os cristãos exterminam o exército sem piedade, mesmo estando em menor número eles venceram, pois tinham a proteção da Virgem.

Basílio em agradecimento pela vitória dos cristãos, e pelo total extermínio de seus inimigos, que foram reduzidos a nada, mandou que toda a província rezasse apenas em honra de Maria aos sábados. Outro aspecto interessante neste milagre é que os cristãos matam os homens do exército com extrema

⁶ Na hagiografia *Milagres Medievais, numa colectânea mariana alcobacense*, é mencionado em cinco milagres a denominação Rainha do Céu ou Líder entre santos: “Ocupavam toda a igreja, da entrada do coro até ao altar-mor, à direita e á esquerda. Grandemente admirado, dirigiu-se para a cabeceira do coro e depara com a gloriosa Rainha do Céu sentada no trono episcopal, rodeada de inúmeros coros de virgens, como se fosse a Senhora daqueles anjos que estavam a cantar. Sob moção do Espírito Santo, reconheceu-a como se antes a tivesse visto centenas ou milhares de vezes.” (*Milagres Medievais, numa colectânea mariana alcobacense, Milagre 6*, 2004, p. 91).

violência, o autor diz que a maioria ficou sem cabeça, com membros mutiladas e vísceras expostas e perfuradas. E tentando fugir todos os inimigos foram mortos. E mesmo a Igreja condenando o acúmulo de riquezas, a morte trouxe ouro a muitos homens de S. Basílio, que ganharam fortunas por defenderem a fé cristã.

Nas batalhas em que Maria aparece para defender os portugueses contra os infiéis, a sua representação é o elemento catalisador, que assegura aos cristãos a vitória. A utilização de uma figura feminina em narrativas de guerras travadas por homens é uma importante especificidade do culto mariano em Portugal, que permite a compreensão das diferentes estratégias utilizadas no processo de formação de uma identidade cristã portuguesa.

Segundo o discurso presente na hagiografia *Milagres Medievais, numa colectânea mariana alcobacense*, Maria teria através da sua pureza (virgindade) unido o céu à terra, e a terra ao céu, ao dar a luz ao filho de Deus, se tornando assim Rainha do Céu. Pela sua condição excepcional, a Virgem Maria torna-se a santa a quem se recorre quando mais se precisa, pois sempre vai cuidar e proteger aqueles que a amam e rogam a Ela, assim como cuidou e protegeu o seu Filho. Essa caracterização da Virgem Maria, é identificada no seguinte milagre:

Ouvi, irmãos caríssimos, como a poderosíssima rainha dos céus, por força de Deus, arrebatou das faces do antigo dragão, o Leviatã, a Teófilo desencaminhado por causa dos seus pecados. Com prantos, clamores e lágrimas, rezava a Mãe de Deus sem cessar, perante um quadro da mesma Virgem pintado na parede, umas vezes de pé, outras vezes prostrado, sem erguer os olhos para o céu e nem levantar as mãos, mas batendo incessantemente no peito. Na verdade, não ousava invocar o Filho de Deus a quem renegara, mas rezava orações a sua Mãe Santíssima (*Milagres Medievais, numa colectânea mariana alcobacense, Milagre 9, 2004, p. 99, grifo nosso*).

Maria Como modelo de conduta para as mulheres religiosas/virgens é mencionado em 14 (quatorze) milagres, concomitantemente à condição materna de Maria também aparece na mesma proporção. A maternidade de Jesus, não era um tema recorrente nas escrituras sagradas até o século IV depois de Cristo, porém, a maternidade mariana começa a ser representada nos séculos III e IV nas iconografias com um modelo padrão: Maria sentada, segurando o menino Jesus no colo perto dos seios maternos ou o menino Jesus sentado nos seus joelhos.

As novas necessidades espirituais são entendidas como consequências do meio social marcado pela desagregação dos laços feudais, pelo crescimento da economia mercantil, o florescimento das cidades, dentre outros fatores. Portugal como parte integrante da Europa Cristã também passou por diversas mudanças entre os séculos XIII-XV, o moderno e o feudal coexistiam:

O Portugal dos séculos XIII a XV apresentava muitas características próprias, consequência natural do encontro e da fusão de estruturas do Norte com estruturas do Sul. Reunia, na verdade: a) elementos tipicamente feudais, comuns a toda Europa Ocidental, resultado da evolução de categorias romanas e bárbaras (principalmente visigodas) e, mais tarde, do declínio do próprio feudalismo; b) elementos feudais deturpados, consequência das necessidades e circunstâncias da Reconquista; c) elementos moçárabes, com uma longa tradição de autodesenvolvimento e isolamento da Europa cristã; e d) elementos islâmicos típicos, comuns a todo o mundo muçulmano, o qual, pelos séculos XII e XIII, se mostrava já feudal ou rapidamente tendendo para o feudalismo. (Marques, 1996, p. 79, *grifo nosso*).

Por mais que Portugal compartilhasse elementos feudais comuns à Europa, o processo de Reconquista teve como consequência não somente a resignificação desses elementos, como agregou à cultura portuguesa elementos moçárabes e islâmicos. A diversidade sociocultural e a presença de elementos muçulmanos fizeram com que as instituições (incluindo a Igreja) e o povo utilizassem estratégias de legitimação para suplantar o “outro”. Pois,

A Reconquista ocorreu na Península ibérica entre os séculos VIII-XIII, e se configura como uma luta entre cristãos e muçulmanos, na qual os primeiros retomam os territórios que haviam sido conquistados pelos muçulmanos. Assim, “grande parte, se não a maioria do imenso espólio acumulado por reis e senhores durante o saque da Reconquista, foi investida em construções religiosas. Este facto explica o tremendo surto de catedrais, abadias, igrejas paroquiais e capelas num país relativamente pobre como era Portugal.” (Marques, 1996, p. 97).

O processo de Reconquista cristã é um dos elementos fundamentais para a compreensão da cultura portuguesa e de suas especificidades. A luta entre credos ocasionou a proliferação de templos cristãos, e a afirmação dos dogmas doutrinários da Igreja que professavam sua fé como a única possível. Judeus e muçulmanos eram classificados como infiéis, por isso, eram associados ao pecado, e demonizados. Porém, apesar da intolerância houve:

A persistência de um estado muçulmano na Península até fins do século XV; a existência de uma próspera e culta minoria judaica urbana que as monarquias cristãs toleravam porque necessitavam dela; a existência, também, de uma minoria muçulmana sob domínio cristão, renovada e valorizada intelectualmente pela imaginação de intelectuais islamitas heterodoxos que fugiam a intolerância dos Almóadas – todos esses fatores contribuem para que a cultura peninsular receba uma poderosa influência oriental, que a caracteriza em oposição ao restante cultura europeia cristã, e suscitam, ao mesmo tempo, uma polémica religiosa que dá origem a toda uma literatura apologética. (Saraiva, 1998, p. 135, *grifo nosso*).

A minoria judaica e muçulmana era o inimigo a ser combatido, para isso diversas estratégias foram utilizadas. É de suma importância na luta entre credos em Portugal o papel da literatura que ganha aspectos apologéticos. Neste ensejo se inserem as hagiografias que possuíam a função pedagógica de legitimar e

disseminar os saberes e os ideais cristãos. A literatura cristã para legitimar o cristianismo demonizava os muçulmanos e os judeus.

Para confirmação na fé católica não passarei em silêncio o que ocorreu no Oriente numa cidade da Arménia. O filho de um vidreiro judeu estudava na escola com as crianças cristãs. Certo dia na celebração da missa de uma festa, na basílica de Santa Maria, a criança judia abeirou-se da comunhão a receber o glorioso corpo e sangue do Senhor juntamente com as outras crianças. Recebido o sacramento, volta ela cheia de alegria para casa do pai. Quando este, por sua vez, pega nela, entre beijos e abraços ela conta-lhe radiante o que acabara de receber. Ora o pai, que era inimigo de Cristo Senhor e das suas leis, responde à criança: ‘Uma vez que foste comungar com essas crianças cristãs e te esqueceste dos avisos e do interesse de teu pai, para reparar a ofensa feita à lei de Moisés, meu parricida, terei de ser inflexível para contigo’. Agarra na criança, lança-a pela boca de uma fornalha a arder e põe-se a meter mais lenha para aumentar a violência do fogo. (Milagres Medievais, numa colectânea mariana alcobacense, Milagre 2, 2004, p. 68, grifo nosso).

O autor na narrativa milagrosa 2 evidencia que seu objetivo é ratificar a fé católica perante seus pares, para que estes não duvidem. O caráter doutrinal do texto é evidenciado com a presença de elementos cristãos que colaboraram com o imaginário medieval em que judeus e muçulmanos eram infiéis.

A história envolve uma criança o que provocaria comoção no leitor, estas são associadas a pureza, “apesar” dela ser judia, teria recebido o sacramento, e isso a qualificava para ser salva pela Virgem Maria. No milagre 2, o pai judeu é um homem inflexível, que tenta matar seu próprio filho por este ter comungado com os cristãos. Porém, o filho do judeu é salvo pela Virgem Maria do fogo por ter realizado o sacramento respeitando e consumindo o corpo e o sangue de Cristo.

Na narrativa milagrosa o homem é intitulado de “inimigo de Cristo”, para confirmar esta afirmação, a intolerância do judeu é demonstrada quando ele tenta matar o seu próprio filho por este ter comungado com outras crianças cristãs. Para colaborar com esta ideia, é mencionado que o personagem semita colocou mais lenha na fornalha, o que evidenciaria a crueldade deste povo.

Após Maria salvar a criança, o pai é castigado por sua fidelidade às leis de Moisés e por renegar a Cristo, ao ser jogado na fornalha, acaba morrendo. Ressalta-se que como textos pedagógicos populares as hagiografias eram utilizadas pela Igreja de forma estratégica, como instrumento de evangelização, e de reafirmação dos ideais cristãos.

No Milagre 9, o personagem principal Teófilo é destituído das suas funções de tesoureiro e fica extremamente pobre, tendo que se desfazer de todos os seus bens, inclusive vende a sua esposa e seus dois filhos. Em busca de riquezas ele acaba sendo “convencido” por um judeu rico a fazer um pacto com o demônio.

‘Logo à noite, torna-lhe o judeu, sai fora da cidade e vai a uma encruzilhada que tem uma coluna e mármore levantada no meio e aí falarei contigo e te apresentarei’. Com estas palavras cada um foi para seu lado. Ao chegar a meia-noite, ambos se encontram na encruzilhada. Imediatamente aquele judeu iníquo começou a ler, à luz das estrelas e do luar, um livro de artes de nigromância⁷, deitou sortes e imolou um pedaço de carne e cão ao demônio, bocado esse que no próprio momento de ser sacrificado desapareceu e nunca mais se conseguiu ver. No mesmo instante, apareceu-lhe o demônio tomando a figura de um bode negro levantado nas pontas das patas traseiras e coroadado com o loureiro oracular. (*Milagres Medievais, numa colectânea mariana alcobacense, Milagre 9*, 2004, p. 101, *grifo nosso*).

Teófilo em troca de riquezas materiais vende sua alma ao diabo, ao aceitar a ajuda de um judeu que servia ao diabo. A sua salvação ocorre após muitas orações em favor a Virgem Maria. No milagre os judeus são acusados de praticarem magia o que ia de encontro à ortodoxia da Igreja. O discurso evidencia que a origem da riqueza dos judeus é fruto de práticas mágicas.

Elementos simbólicos que representavam o mal são citados nesse trecho do milagre 9: encruzilhada, bode negro, livro de artes mágicas e sacrifício de animais. Os signos citados são símbolos culturais negativos e marginalizados, e por isso, estrategicamente são atribuídos aos judeus, assim, de forma didática, a Igreja dissemina e legitima os ideais cristãos. E nesta luta entre credos uma das representações simbólicas mais utilizadas era Maria.

Entretanto, hoje, como ontem, a figura da Virgem é absoluta em território ibérico, cultuada sob as mais diferentes formas, numa religiosidade muito particular, na qual é possível observar uma estranha intimidade entre o objeto venerado e aquele que venera. O culto à Virgem Maria crescia na mesma medida em que crescia a necessidade de combater o Islã. Maria contra Maomé, uma luta que se pode observar ainda hoje. (Jardim, 2006, p. 76, *grifo nosso*).

A representação mariana é um elemento simbólico utilizado em Portugal contra principalmente a presença de povos advindos do Oriente: muçulmanos e judeus. Por conta da especificidade do território português desde o século VIII, Ela possui papel de destaque na cultura, antes mesmo da sua representação ter adquirido importância na Europa. A diversidade cultural deu a Maria um lugar simbólico de destaque na religiosidade local.

A partir de 1371, se reuniram com frequência inusitada no campo das mentalidades, verificou-se um surto acentuado da devoção e do culto religioso. Requeria-se contacto mais íntimo com Deus, com a Virgem Maria e com os santos, e traduzia-se esse contacto em muitas novas maneiras de expressão. O culto do Espírito Santo, adaptado ao gosto popular e às necessidades da vida quotidiana, tornou-se um dos favoritos. O mesmo aconteceu com o culto de S. Francisco de com a devoção aos Franciscanos, seus interpretes na busca de maior amor e de uma forma mística de viver. A devoção a Nossa Senhora, antiquíssima como era, adquiriu nova intensidade. (Marques, 1996, p. 106, *grifo nosso*).

⁷ Arte dos bruxos e adivinhos.

Mesmo a devoção mariana sendo antiga em Portugal, a sua representação continuou sendo uma das mais importantes para os cristãos que vivenciaram uma religiosidade mais participativa a partir do século XIII. A Virgem Maria “significou mais um elemento no enfrentamento do Cristianismo contra o Judaísmo, nessa luta de credo contra credo, sendo a representação da própria Igreja de Cristo.” (Jardim, 2006, p. 78). Segundo a religiosidade local, Ela aparecia nas batalhas protegendo os fiéis na luta contra os judeus e os muçulmanos, garantindo-lhes a vitória. Sendo assim uma Santa Guerreira, não deixando de lado o seu papel de Mãe de Cristo, pelo contrário, sua aparição nas batalhas reforçava sua imagem de Mãe de todos aqueles que são fiéis aos ideais cristãos.

Considerações finais

Em Portugal, o processo de Reconquista, assim como a complexificação da sociedade gerou uma heterogeneidade cultural, política e social. Assim, uma das estratégias é a utilização das hagiografias para moldar os comportamentos a partir de padrões estabelecidos por meio de práticas religiosas e da educação moral cristã.

Dentre essas estratégias as hagiografias ganham destaque por serem textos pequenos e pedagogicamente eficientes na difusão da doutrina cristã, legitimando e forjando uma identidade através de símbolos que foram (re)significados de acordo com a necessidade política, social e cultural.

Nesse contexto, a hagiografia *Milagres Medievais, numa colectânea mariana alcobacense* é inserida, os diversos discursos contidos na documentação expressam os aspectos socioculturais específicos de Portugal. Embora compartilhasse com a Europa a adoração à Virgem Maria, a representação mariana simbolicamente foi ressignificada e legitimada pelos portugueses, que a valorizavam como uma Santa Guerreira, mulher/mãe e virgem. Representações que evidenciam o destaque de Maria na religiosidade medieval portuguesa.

Pois, mesmo as mulheres tendo papéis secundários nessa sociedade, a figura feminina de Maria ganha destaque com modelo exemplar de mulher, e como uma Santa Guerreira. “A intervenção divina foi, muitas vezes, mediatizada pela ação da Nossa Senhora. Uma fé aparentemente compartilhada por boa parte da sociedade ibérica, haja vista a quantidade bastante grande de relatos sobre as relações das comunidades da península com essa personagem.” (Jardim, 2006, p. 79).

A mediação da santa nas guerras resultaria em conquistas militares, que era legitimada por meio da própria simbologia mariana. Maria como uma Santa Guerreira é um elemento específico do culto mariano em Portugal, que tem uma relação de confiança nos milagres marianos. Já que Ela sempre responderia positivamente aos anseios dos cristãos fiéis que marcharam em nome de Deus na luta contra os infiéis. Sendo assim, a Mãe de Cristo é a Mãe de todos. A ajuda divina de Maria assegurava, no imaginário da sociedade portuguesa a vitória. Pois, como uma sociedade heterogênea que convivia com crenças diferentes, era preciso reafirmar a fé cristã diante dos infiéis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTE

NASCIMENTO, Aires Augusto (Ed.). *Milagres medievais, numa colectânea mariana alcobacense*. Lisboa: Edições Colibri, 2004.

OBRAS TEÓRICO/METODOLÓGICAS, ESPECÍFICAS E GERAIS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi. São Paulo: HUCITEC, 2009.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. In: **Revista de Teoria da História**, Ano 1, n. 3. Goiás: Goiás: junho/ 2010.

CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

JARDIM, Rejane Barreto. *Ave Maria, ave senhoras de todas as graças! Um estudo do feminino na perspectiva das relações de gênero na Castela do século XIII*. 2006. 100f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LIMA, Darlan Pinheiro; MACEDO, José Rivair. Vícios, Virtudes e a Representação do bom cristão para a Ordem dos Cistercienses: O exemplo de Alcobaça. In: ZIERER, Adriana; VIEIRA, Ana Livia Bonfim; ABRANTES, Elizabeth Sousa (org.). *Nas Trilhas da Antiguidade e Idade Média*. São Luis: Editora UEMA, 2014.

OLIVEIRA, A. A. Marques. *A Sociedade Medieval Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.

ROSA, Maria de Lurdes. *Sociabilidades e Espiritualidades na Idade Média: a historiografia portuguesa sobre os comportamentos religiosos dos leigos medievais*. *Lusitania Sacra*, Lisboa, v. 21, 2. ser., p. 1-28, 2009.

SARAIVA, António José. *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal*. 5. edição. Lisboa: Gradiva Publicações, 1998.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão. *Reflexões sobre a Hagiografia Ibérica Medieval: um estudo comparado do Liber Sancti Jacobi e das vidas de santos de Gonzalo de Berceo*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

SOBRAL, Cristina. Hagiografia em Portugal - balanço e perspectivas. *Revista Medievalista* (online). n. 3, ano 3, p. 1-13, 2007.

VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média Ocidental (séculos VIII a XIII)*. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.